

Tribeca celebra
filmografia de
Darren Arofonosky

PÁGINA 3



Alcione lança
álbum de inéditas
após cinco anos

PÁGINA 4



Coringa ataca as
bancas e livrarias
mundo afora

PÁGINA 7



2º CADERNO

Por Affonso Nunes

Sucesso de público desde sua estreia internacional no Jardim Botânico de Nova York, a instalação imersiva “O Estranho Mundo de Jack de Tim Burton – Caminho de Luzes” segue em temporada em São Paulo até o dia 3 de agosto. Primeira cidade fora dos Estados Unidos a receber a experiência, a capital paulista tem reunido famílias, fãs de Tim Burton e curiosos de todas as idades para uma caminhada noturna de 1,1 km por trilhas cenográficas que mesclam arte, tecnologia e natureza.

Baseada no clássico da Disney lançado em 1993, a instalação reinterpreta o universo sombrio e encantador de Jack Skellington, Sally, Zero e outros personagens do filme com projeções mapeadas, esculturas em 3D, mais de 2 mil pontos de luz e a trilha sonora original da animação. O percurso, montado no Jardim Botânico de São Paulo, transforma a paisagem natural num cenário mágico.

Para tornar possível a versão brasileira da mostra, foi necessária uma operação logística digna de superprodução: 11 contêineres com mais de 55 toneladas de equipamentos foram transportados de Nova York até o Porto de Santos e seguiram em 11 caminhões pela Serra do Mar até São Paulo. A montagem levou cerca de 40 dias e envolveu mais de 30 profissionais trabalhando em turnos para adaptar o espaço ao projeto.

O espetáculo visual é fruto da parceria entre as empresas internacionais Adventurelive — responsável por montagens como o musical “Hamilton” — e LETSGO, conhecida por exposições imersivas como “Tim Burton’s Labyrinth”. No Brasil, a realização é do Instituto Cultural Opus, braço social da Opus Entretenimento, com direção artística do cenógrafo brasileiro Felype de Lima. Radicado na Espanha e vencedor do Prêmio Max de Melhor Figurino, Felype já assinou projetos na Europa e América Latina, e desenvolveu, para esta mostra, uma proposta que respeita o ambiente do Jardim Botânico ao mesmo tempo em que transporta o público para dentro do universo burtoniano, usando cenografia, iluminação e narrativa interativa.

Delírios burtonianos em Sampa



Instalação imersiva com o universo da animação ‘O Estranho Mundo de Jack’ propõe jornada noturna sensorial a céu aberto no Jardim Botânico de SP

Divulgação



Ao longo de 1,5 km de área expositiva no Jardim Botânico de SP, os visitantes se deparam com várias instalações instagramáveis

SERVIÇO >>> O ESTRANHO MUNDO DE JACK - CAMINHO DE LUZES

Jardim Botânico de São Paulo (Av. Miguel Estéfano, 3031 – Água Funda, São Paulo) | Até 3/8, com sessões noturnas a partir das 18h30
Ingressos: a partir de R\$ 21 no site www.oestranhomundodejackcaminhodeluzes.com

CORREIO CULTURAL

A poesia animada que 'assombrou' o Natal



Divulgação

Neguinho estará no júri que escolherá seu sucessor

Sucessor de Neguinho será escolhido em reality show

O reality show A Voz do Carnaval estreia em setembro no Multishow, mas as gravações começaram na última semana na quadra da Beija-Flor de Nilópolis. O programa reúne oito candidatos que disputam o posto de novo intérprete da escola. O vencedor irá substituir Neguinho da Beija-Flor, após 50 anos de trajetória.

Os sete homens e uma mulher que participam da disputa têm forte ligação com a escola, e a seleção envolve provas eliminatórias de performance, carisma e domínio de enredos clássicos da agremiação. No júri, estão o próprio Neguinho, personalidades da Beija-Flor e os Belo, Teresa Cristina, Dudu Nobre e Xande de Pilares.

Em separação

A multinacional de mídia e conglomerado de entretenimento Warner Bros. Discovery anunciou que irá se separar em duas empresas - uma dedicada ao streaming, outra à televisão a cabo. Assim, a empresa desfaz a fusão concluída em 2022.

Calma, gente!

As críticas que vem recebendo pelo excesso de bom-mocismo da personagem Raquel, em "Vale Tudo" -- e não por sua atuação, é bom que se diga -, não abalam Taís Araújo. A atriz afirma que o que acontece é que o público anda impaciente.

Em separação II

A frente de streaming vai abarcar a Warner TV e estúdios de cinema, HBO e HBO Max e uma divisão dedicada a jogos. Já a outra empreitada inclui os canais a cabo da Warner, Discovery+, Bleacher Report e os produtos de streaming da CNN.

Calma, gente! II

Para ela, a cozinheira, ingênua passada para trás a torto e a direito pela filha desonesta e ambiciosa, só precisa de tempo para conquistar os espectadores. "Temos oito meses para contar essa história. O público precisa ser paciente", explica a atriz.



Divulgação

Depois do enorme sucesso no Jardim Botânico de NY, a exposição imersiva focada na animação de Tim Burton chega ao Brasil

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Não haveria "O Estranho Mundo de Jack" se não fosse pelo Coringa, o Palhaço do Crime, e seu inimigo do Bem, Bruce Wayne. Os morcegos de Gotham City fizeram voar mundo afora a excelência de Tim Burton como grife autoral no fim da década de 1980, quando "Batman" estreou, em 1989, celebrando os 50 anos de uma HQ que virou coqueluche nas bancas. O endosso dos grandes estúdios, combinado com o prestígio artístico adquirido após "Edward Mãos de Tesoura"

(1990), fizeram com que o nome do cineasta de Burbank abrisse qualquer porta, sobretudo a da animação, terra que lhe serviu de ninho.

Ele trabalhou na Disney quando ainda era um galetto a belo canto na arte, há umas quatro décadas e meia. Em 1982, rodou um curta-metragem, "Vincent", que lhe trouxe holofotes. Classificado pela indústria com o rótulo "potencial talento", ele escreveu um poema, naquele ano de sua glória inicial, chamado "The Nightmare Before Christmas". Pensou em fazer dele o mote para um especial de TV e para um livro infantojuvenil. Chegou a esboçar storyboards dessa

possível adaptação audiovisual de seus versos com a ajuda do diretor de arte e bamba dos efeitos visuais Rick Heinrichs.

Mostrou o que idealizou para Henry Selick, trocando ideias para um filme. A empresa de Walt Disney viu o que ele tinha em mãos e gostou da ideia de fazer dele um especial natalino de 30 minutos para a televisão. Isso até seus analistas de roteiro e seus engravatados encrespam com o tom tenebroso do enredo e com o apreço de Burton pelo que chamaram de "solitários sombrios". O pé na bunda do cineasta se desenhou ali. Fora da área de cobertura do império de Mickey Mouse, o realizador foi trabalhar para a Warner Bros., onde emplacou, de cara, "Os Fantasmas Se Divertem" (1988), que ganhou uma continuação hiper rentável em 2024 e já tem uma Parte III a caminho.

Depois de fincar bandeira em Gotham e emplacar mais um acerto em "Batman, O Retorno" (1992), com Michelle Pfeiffer de Mulher-Gato e Danny DeVito de Pinguim, Burton teve o sinal verde para desengavetar velhas ideias, entre elas a do espírito zombeteiro do Dia das Bruxas, Jack Skellington, que almeja comer rabanadas com o Papai Noel. Por fina lealdade, Selick foi o artesão escolhido para ajudá-lo na concepção estética... e acabou na direção.

Com a fama de Burton nos píncaros da graça, a Walt Disney Studios concordou em abraçar sua caveirinha natalina, lançando sua aventura cinematográfica pelo selo Touchstone Pictures, ciente de o timbre gótico da trama poderia ser muito sombrio e assustador para as crianças.

Orçado em US\$ 17 milhões, a encarnação cinematográfica das estrofes de "The Nightmare Before Christmas", traduzida entre nós como "O Estranho Mundo de Jack", estreou no Festival de Cinema de Nova York em 9 de outubro de 1993 e teve lançamento limitado em 13 de outubro. Faturou cerca de US\$ 107 milhões e concorreu ao Oscar de Efeitos Visuais e ao Globo de Ouro de Melhor Trilha Sonora, coroando Danny Elfman.



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Nos ajustes finais para a estreia de seu esperado “Ladrões” (“Caught Stealing”), em 28 de agosto, Darren Aronofsky tem uma série de reencontros com seu passado de acertos em sua agenda de junho, incluindo um compromisso com o Festival de Tribeca, em NY, nesta terça. À noite, ele reencontra a nonagenária estrela Ellen Burstyn para uma sessão da cópia restaurada de “Réquiem Por Um Sonho”, drama barra pesada sobre dependência química (e não só) que lhe valeu um espaço nobre nas telas de Cannes, em 2000.

Os 25 anos do longa, um dos cults da carreira do cineasta - que redefiniu seu prestígio ao ganhar o Leão de Ouro de Veneza em 2008 por “The Wrestler – O Lutador” – serão celebrados nessa conversa nova-iorquina com Ellen e o ator Brendan Fraser. Ele ganhou o Oscar por seu desempenho (sob a batuta de Darren) em “A Baleia”, adaptação da peça homônima de Samuel D. Hunter, hoje em cartaz no Rio, no Teatro Adolpho Bloch, com José de Abreu no papel central.

Em visita ao Rio, na semana passada, Samuel conversou com o Correio da Manhã sobre as trocas com o cineasta americano que produziu o único longa-metragem brasileiro a ganhar a Concha de Ouro no Festival de San Sebastián, na Espanha: “Pacificado”, de Paxton Winters.

“Quando escrevi ‘The Whale’, em 2009, nunca sonhei que se tornaria um filme. Darren começou a conversar comigo sobre isso em 2012, portanto, a colaboração foi muito longa. Acho que Darren é um exímio contador de histórias, mas também é um dos melhores fotógrafos que existem - ele tem um olhar tão apurado que não deixa passar nada”, disse Samuel. “Portanto, tudo no filme foi meticulosamente elaborado, a ponto de Darren me pedir para decidir quais livros Charlie (o personagem de Fraser, hoje interpretado por Abreu) deveria ter em sua biblioteca pessoal. Ainda é uma loucura para mim o fato de milhões de pessoas terem assistido ao filme. É quase impossível para mim entender isso”.

Pois é, Samuel, com Darren sucessos acontecem, vide “Cisne Negro”, que ele lan-



Ellen Burstyn em ‘Requiem para um Sonho, do realizador novaiorquino Darren Aronofsky, que completa 25 anos e ganha exibição nas telas do Festival de Tribeca

O valor de ‘Pi’ de Darren Aronofsky

Festival de Tribeca celebra os 25 anos de ‘Requiem Por Um Sonho’, cult do realizador de ‘A Baleia’, que ganha montagem dos palcos do Rio com José de Abreu

DGA/Divulgação



çou há 15 anos. Orçado em US\$ 15 milhões, a saga de uma bailarina que enlouquece em seu excesso de perfeccionismo faturou US\$ 323 milhões e rendeu o Oscar a Natalie Portman. Depois ele rodou o bíblico “Noé” (2014), com Russell Crowe, que custou alto

(US\$ 125 milhões), mas arrecadou bonito (US\$ 359 milhões).

“Eu sou um realizador de filmes de baixo orçamento nos Estados Unidos. Um realizador que escolheu falar sobre os demônios internos das suas personagens, fascinado por figuras que me capturam por sua profundidade”, explicou Darren ao Correio quando lançou “A Baleia”. “Por meio da engenharia sonora do meu cinema, eu conecto com a plateia a partir do aspeto mais sensorial da imagem em movimento”.

Laureado com o Prêmio de Melhor Direção no Festival de Sundance de 1998 com “Pi”, que fez dele um farol nas narrativas indie dos EUA, Darren terá que revisitar a descida ao inferno (da droga) com os personagens de “Réquiem Por Um Sonho” na telona de Tribeca. Essa adaptação da prosa homônima de Hubert Selby Jr. (1928-2004) rendeu uma indicação ao Oscar para Ellen Burstyn pelo papel de Sara Goldfarb, mãe judia viúva que

passa os dias a ver um programa de variedades (tipo o “Roletrando” de Silvio Santos) na TV. A hipótese de ser chamada para esse jogo televisivo a leva a viciar em remédios para emagrecimento ao mesmo tempo em que seu filho, Harry (Leto), emburaca nos narcóticos injetáveis ao lado da namorada artista plástica (Connelly) e de um amigo da vizinhança (Marlon Wayans). Tudo isso é narrado ao som da hipnótica melodia “Summer Overture”, de Clint Mansell, tocada pelo Kronos Quartet.

“Eu reluto para rever os meus filmes antigos”, disse Darren ao Correio. “Revi ‘Requiem...’ faz pouco tempo, quando sua cópia em Blu-Ray saiu, e me lembrei da sensação que tive em cada cena que filmei. Gostei de voltar a elas”.

Tribeca segue até domingo em Nova York. O filme candidato a hit do evento é a comédia romântica “The Best You Can”, de Michael J. Weithorn, com o casal Kyra Sedgwick e Kevin Bacon. Ele vive Stan Olszewski, um segurança que frustra uma tentativa de roubo na residência da urologista Cynthia Rand (Kyra). Uma amizade intensa se desenvolve entre eles a partir de mensagens de texto bem-humoradas, enviadas tarde da noite. O aprofundamento do vínculo entre eles abala a vida de ambos... para o bem.

Simplemente Alcione



Vinicius Mochizuki/Divulgação

Por Affonso Nunes

Depois de um hiato de cinco anos desde o álbum “Tijolo por Tijolo”, Alcione retorna com um novo trabalho de estúdio. Intitulado apenas “Alcione”, o disco já está disponível nas plataformas digitais e reúne faixas inéditas, regravações e os dois singles lançados nos últimos meses, marcando um capítulo de renovação e afirmação artística para a cantora maranhense.

Entre os destaques está “Marra de Feroz”, composição de Xande de Pilares, Gilson Bernini e Helinho do Salgueiro. A faixa, que critica o machismo e celebra o poder feminino, ganhou um videoclipe com a participação de mulheres de diferentes áreas, como a escritora Conceição Evaristo, a atriz Gabriela Loran, a cantora Marcela Salorrana, a poeta Jennifer Dias e a atriz Mara Kambeba, entre outras.

Já “Não Mexe Comigo”, de Inácio Rios e Igor Leal, viralizou nas redes sociais e ultrapassou 350 mil execuções em apenas um mês, impulsionada por uma campanha protagonizada por artistas como Margareth Menezes, Fafá de Belém, Ivete Sangalo, Leci Brandão, Camila Pitanga, Zélia Duncan e Fernanda Abreu.

O repertório também inclui inéditas como “Por Esses Olhos Meus” (Zeca Pagodinho e Fred Camacho), “Aonde Eu Puder Cantar” (Arlindinho, Inácio Rios e Igor Leal), “Ninguém é Mais Feliz que Eu” (Fred Camacho, Cassiano Andrade e Fabrício Fontes) e uma nova leitura para “Não Penso em Mais Nada”, parceria de Arlindo Cruz com Junior

Álbum marca retorno fonográfico da cantora após cinco anos e homenageia vozes femininas



Alcione lança seu primeiro álbum de inéditas desde 2019 e apresenta um releitura do hit ‘Evidências’, realizando assim um desejo antigo

Dom que nunca havia sido registrada por Alcione.

Mas a maior surpresa do álbum é a releitura de “Evidências”, de José Augusto e Paulo Sérgio

Valle. Clássico absoluto da música brasileira, a canção foi gravada por Alcione após viralizar um episódio de 2016, quando, durante participação no Domingão

do Faustão (TV Globo), ela foi convidada a cantá-la sem saber a letra. O improviso virou meme, mas também despertou nela o desejo de, um dia, registrar sua ver-

são — o que agora se concretiza.

Outra faixa resgatada é “Mar de Segredos”, de Nani Palmeira e Reno Duarte, que havia sido gravada apenas para a trilha da novela “Garota do Momento”. Com produção cuidadosa, o novo álbum equilibra o frescor das canções inéditas com a força emocional de interpretações já consagradas da Marrom.

O lançamento foi marcado por um show na Farmasi Arena, na Barra da Tijuca, com lotação esgotada e transmissão ao vivo pelo canal Multishow. A turnê de divulgação do disco já começou e deve percorrer várias cidades brasileiras ao longo dos próximos meses, com um espetáculo que mescla novos temas e os inúmeros sucessos da artista.

Aos 76 anos, Alcione segue como um dos grandes nomes da música popular brasileira. Sua trajetória tem sido amplamente celebrada: foi enredo da Estação Primeira de Mangueira e da Mangueira do Amanhã, virou tema do musical “Marrom, o Musical”, idealizado por Jô Santana e dirigido por Miguel Falabella, e inspirou o documentário “O Samba é Primo do Jazz”, que vem sendo exibido em festivais e na televisão.

Reconhecida como sambista, Alcione sempre transitou com naturalidade por gêneros como jazz, bolero, reggae e canção romântica. Sucessos como “Não Deixe o Samba Morrer”, “Sufoco”, “Você Me Vira a Cabeça”, “Meu Ébano” e “Estranha Loucura” formam um acervo vasto e afetivo que atravessa gerações. Agora, com a chegada de “Evidências” ao seu repertório, essa galeria se amplia com mais uma interpretação potente e cheia de personalidade.

Os novos caminhos de Leoni

EP 'Baladas Sortidas' reúne inéditas e colaborações

Por Affonso Nunes

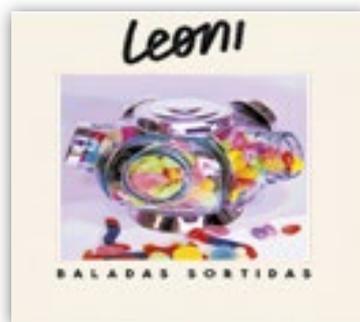
Já está no ar o novo EP de Leoni, "Baladas Sortidas", projeto que mistura faixas inéditas com canções lançadas como singles nos últimos meses. Composto por oito músicas, o trabalho reúne parceiros antigos e novos, entre eles Cazuzu, Zeca Baleiro, Zélia Duncan e Rômulo Fróes. A proposta, segundo o cantor e compositor, é celebrar a diversidade de temas e estilos com a leveza e a surpresa de um baleiro cheio de doces diferentes.

Uma das novidades do EP é a regravação de "Incapacidade de Amar", parceria com Cazuzu lançada originalmente em 1986 com o grupo Heróis da Resistência. "Ele recitou esse poema no meu ouvido e disse que queria fazer a canção comigo", relembra Leoni. "Apesar de ter sido gravada naquele disco, a música ficou esquecida. Agora ganhou um arranjo com metais do George Israel que eu adoro. Pra mim, ficou melhor que a original, mais pra cima."

Israel também participa da nova versão, ao lado de Leo Israel e Antonio Leoni, filhos do cantor. "O George tem melodias de sax que grudam no ouvido desde os primeiros discos do Kid Aberlha. E esse naipe que ele bolou ficou muito marcante", comenta Leoni, que



Leoni entrega surpresas musicais em seu EP 'Baladas Sortidas'



também tocou baixo na faixa.

Outra estreia é "Fazia sentido no papel", composta e interpretada

em dueto com Rômulo Fróes. "É uma metacanção", define Leoni. "Fala das diferenças entre um poema no papel e uma letra cantada. No impresso, você entende quando um verso é cortado. Na música, isso pode se perder. A ideia era brincar com isso — e achei que tinha tudo a ver com o Rômulo, que tem uma pegada de vanguarda." A música, que inicialmente não faria parte do EP, foi incluída como faixa bônus. "Ela ficou tão legal que resolvemos colocar. Não deve virar single, por ser mais estranha, mas dá profundidade ao repertório", diz Leoni.

O repertório inclui ainda os singles já lançados: "Quem nos dera" (dueto inédito com Zélia Duncan), "Tenta" (parceria com Henrique Portugal), "Te entendo cem por cento" (com George Israel e Frejat, cantada com Zeca Baleiro) e a releitura de "Nuvem Vermelha", composta por Ana Frango Elétrico, Marina Nemesio e Bruno Berle.

Cada single foi lançado com uma imagem de balas coloridas, e a capa do EP mostra um baleiro com todas elas. "A ideia é essa: reunir canções de diferentes sabores, mas que fazem sentido juntas", define.

CRÍTICA / DISCO / À VONTADE

A estreia de uma jovem compositora e cantora

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje temos o álbum "À Vontade" (independente), o primeiro de Mirceia Jordana. Aos 25 anos, natural de Iraquara, cidade da Chapada Diamantina (BA), seu trabalho autoral e pleno de recursos sugere que o caminho está aberto para que logo ela tenha o seu talento reconhecido pelos que amam a boa música. Eis algumas das oito faixas.

"Cravo e Canela": a percussão embala a intro. O couro come. O ritmo é inquieto. Realçada pela dicção de Mirceia, a letra vem aos borbotões, intercalada por intervenções de seus vocalises. Embalado pelo shaabi (ritmo egípcio tradicionalmente tocado no pandeiro, aqui adaptado à conga), o arranjo destaca a afro-baianidade que vem da voz de uma cantora que traz em si o poder de se fazer virtuosa por

seus desígnios musicais. Bela abertura de tampa para um ofício que se expressa promissor.

"Gosto da Palavra": a seguir, a pegada arrefece, embora o ritmo se mostre presente de forma acesa. Com apenas três notas, o violão se destaca no arranjo instrumental. A partir daí, Mirceia demonstra objetividade musical, traduzida em interpretação personalíssima. Afinada, ela canta com intensidade que deságua em versos a quem declara amor.

"Bandeja": o xote rola a partir da instrumentação clássica de forró, com zabumba, sanfona, triângulo, baixo, violão, bateria e uma flauta transversal. Aconchegada à pisada,



Divulgação

Mirceia se mostra apta a viajar nas linguagens que lhes são familiares. A moça é competente.

"Não Tem Canção" é um bolero que Mirceia compôs inspirada em "Bolero de Satã", de Guinga e Paulo Cesar Pinheiro. O trompete complementa o arranjo com um

solo admirável. A letra propaga romantismo, ao qual Mirceia se entrega, demonstrando seu ecletismo vocal e composicional.

"A Cada Sol Brillhante" é um bonito tema instrumental, baseado em composições de Milton Nascimento. A melodia vem pelo duo da voz de Mirceia com a flauta, com contrapontos do clarinete.

"Pulsão de Vida" traz um vocálice que realça a melodia. Abrilhantando ainda mais o arranjo, vem o som cativante do flugelhorn. Finalizando, ouve-se um coro...

Nada melhor para finalizar o belo trabalho coletivo do que reunir as vozes dos que geraram com

Mirceia Jordana a personalidade musical de seu álbum. Ouça em <https://acesse.one/8xaaH>

Ficha técnica

Composições: Mirceia Jordana; produção musical, mixagem e masterização: Thiagu Machado; arranjos: Thiagu Machado, Mirceia Jordana e Joaquim Izaías; violão e guitarra: Thiagu Machado; baixo: Joaquim Izaías; clarinete: Jarder Jardineiro; percussão: Cassiano Alexandrino; flauta transversal: Clara Solano; bateria: Jackson Menezes; bateria: Uirá Nogueira (somente em "Bandeja"); teclado: Ícaro Santiago; sanfona: Márcio Melgaço; guitarra baiana: Marcos Stress; naipe Afronaípe de sopros: trompete: Davi Ribeiro; flugelhorn: Davi Brito; fotografia: Clara Solano; capa: Antonio Lucas Bastos.

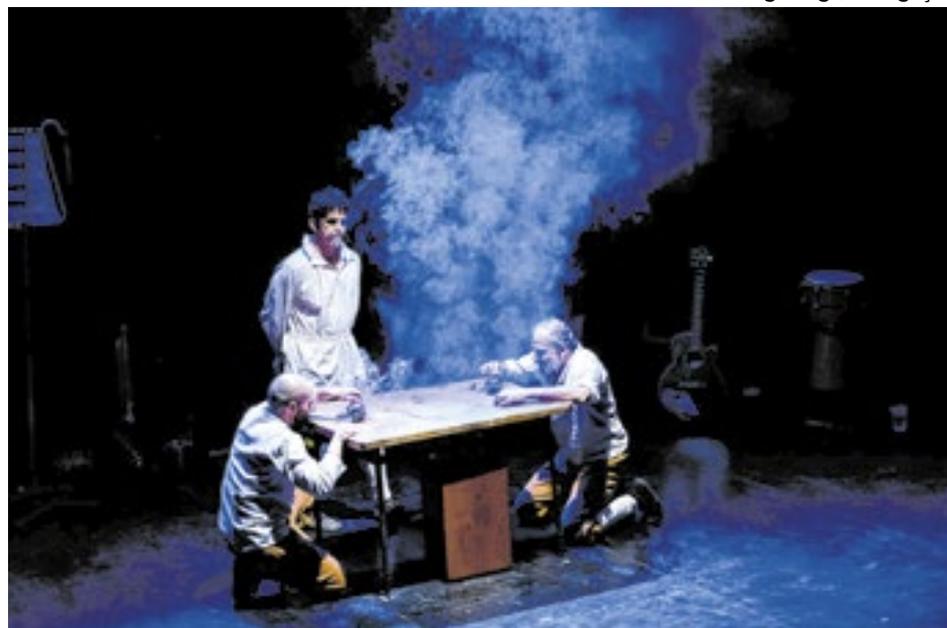
*Vocalista do MPB4 e escritor

Pedro Aceituno/Divulgação



Magalhães a 500 años de la primera vuelta al mundo

Rodrigo Vega/Divulgação



Pedro de Valdívía - la gesta inconclusa

Olhares sobre a colonização

Ocupação Três Histórias que Mudaram a História traz ao CCBB RJ três produções da Compañía Tryo Teatro Banda, do Chile, com curadoria de Julio Adrião

A mostra “Três histórias que mudaram a história” ocupa o Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro entre 11 de junho e 6 de julho com três espetáculos da companhia chilena Tryo Teatro Banda, de Santiago. Com curadoria e coordenação do ator e diretor Julio Adrião, a trilogia propõe uma releitura crítica e musical de episódios históricos da América Latina e do Brasil: a conquista do Chile, a primeira volta ao mundo e o momento em que D. Pedro I decide permanecer no Brasil.

Com dramaturgia original e trilha sonora executada ao vivo, os espetáculos unem teatro

Pedro Aceituno/Divulgação



Fico

físico, música, poesia e história, mantendo a estética essencial da companhia, que atua com cenografia mínima e grande expressividade corporal. Fundada por Francisco Sánchez, que assina direção e textos, a Tryo Teatro Banda se apresenta em português e espanhol, com sessões acessíveis a todos os públicos por meio de legendas, audiodescrição, intérpretes de LIBRAS e presença de monitores.

“Com encenações criadas a partir de revisitações a momentos históricos, como as lutas para a conquista do Chile, o início do império brasileiro e o processo para a independência e libertação dos escravos e a descoberta do caminho marítimo para as índias navegando

para o oeste, convidamos o público brasileiro a olhar para a história da formação dos povos latino-americanos nos últimos 500 anos e a refletir sobre o processo de invasão, colonização, cancelamento cultural e de como isso se reflete nos dias atuais”, afirma Francisco Sánchez.

A programação tem início com “Pedro de Valdívía: la gesta inconclusa”, de 11 a 22 de junho, sempre de quarta a sábado às 19h e domingos às 18h. O texto é baseado nas cartas que o conquistador espanhol enviou ao rei Carlos V, revelando os conflitos da colonização e a resistência dos povos originários chilenos. Em seguida, de 25 a 29 de junho, entra em cartaz “Magalhães a 500 años de la primera vuelta al mundo”, que revisita a expedição liderada pelo navegador português a serviço da Espanha e os impactos da primeira circum-navegação, marcada por deserções, mitos e descobertas. A temporada se encerra com “Fico”, de 2 a 6 de julho, único da trilogia em português, centrado na decisão de D. Pedro I de permanecer no Brasil, o que abriria caminho para a independência do país. Todos os espetáculos contam com música ao vivo executada pelos próprios intérpretes, que tocam mais de 20 instrumentos, incluindo violino, saxofone, flauta e trombone.

“Revemos eventos coloniais e de libertação dos últimos 500 anos, refletindo sobre

colonização, cancelamento cultural e sua presença no presente. Apresentar o Tryo no CCBB é um privilégio histórico-cultural”, diz Adrião.

A trilogia é uma oportunidade de conhecer o trabalho singular da Tryo Teatro Banda, que desde 2000 circula por escolas, teatros e comunidades do Chile e de diversos países, com espetáculos que conciliam rigor histórico, crítica social e apuro cênico. Segundo Julio Adrião, o grupo é “uma máquina de criação compulsiva”, cuja poética mistura erudição e cultura popular. Para o diretor e fundador Francisco Sánchez, trata-se de uma “tradição menestral”, que atualiza o papel dos artistas viajantes que transmitiam conhecimento por meio da arte. Com mais de duas décadas de atuação, o grupo já se apresentou em países da Europa, Ásia, América do Norte e América Latina, e coleciona prêmios pelo trabalho de resgate e questionamento das narrativas oficiais da história.

Além das apresentações, o público poderá participar de três masterclasses ministradas por Francisco Sánchez e elenco, com acesso gratuito. O objetivo é compartilhar o processo criativo da companhia e fomentar o intercâmbio artístico entre Brasil e Chile. A temporada marca a estreia dos espetáculos no país e reforça o compromisso do CCBB com uma programação internacional de qualidade, voltada para a reflexão e a diversidade cultural.

SERVIÇO

TRÊS HISTÓRIAS QUE MUDARAM A HISTÓRIA

Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 – Centro)
De 11/6 a 6/7, de quarta a sábado (19h) e domingos (18h) | Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

O palhaço rouba a cena

Responsável por render Oscars a Joaquin Phoenix e Heath Ledger, o Coringa mobiliza a venda de quadrinhos no Brasil e no exterior com suas maldades sorridentes

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o
Correio da Manhã

Custa caro o novo tijolo da Panini Comics em sua linha “Omnibus”, termo usado para uma compilação de histórias clássicas numa pataca de histórias, envoltas em capa dura, recheadas de textos informativos: no caso, o cachalote gráfico em questão é “Coringa: A Era de Bronze”. O preço: R\$ 339. Dói no bolso, mas o time estelar de artistas espalhado por suas 832 páginas dá gosto: Neal Adams, Dennis O’Neil, Dick Dillin, Bob Haney, Elliot Maggin, Irv Novick, Jim Aparo, José Luis García-López, Marshall Rogers, Martin Pasko e Steve Englehart.

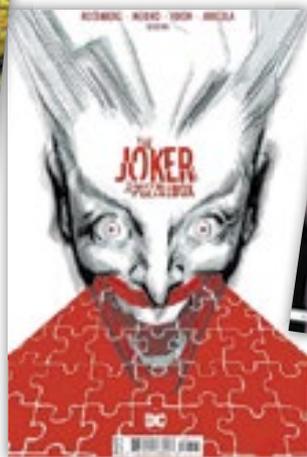
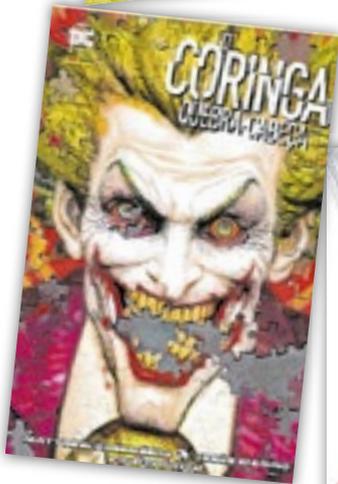
É um resgate de tramas dos anos 1960 e 70. De quebra, a mesma editora traz para o Brasil uma versão pocket de “A Piada Mortal”, cult de Brian Bolland e Alan Moore da década de 1980, no qual até o comissário Gordon cai nas artimanhas do sorridente ferrabrás. O site www.panini.com.br pôs à venda



Fotos/Divulgação



Malvadão gargalhante de Gotham City, o Coringa inspira várias criações em quadrinhos



ainda uma versão encadernada de “Quebra-cabeças”, com os sete volumes da saga “The Joker Presents: A Puzzlebox” (2021). Seus criadores são Jesus Merino, Joshua Hixson, Keron Grant e Matthew Rosenberg. Eles escrevem, desenham e arte-finalizam um thriller no qual a polícia de Gotham tem um cadáver misterioso,

uma caixa mágica e uma cela cheia com os vilões mais perigosos da cidade. Agora, tudo o que eles precisam descobrir é o que aconteceu exatamente. Felizmente, um suspeito está disposto a falar. O Coringa, é óbvio.

Nos EUA, este mês, ele está dando trabalho para a Liga da Justiça na revista mensal do grupo.

Aliou-se a nêtese do Superman, o milionário Lex Luthor, e ao Gorila Grood. Na telona, faz pouco, fez das suas em “Delírio a Dois”, já na plataforma MAX (ex-HBO), com Lady Gaga.

Tim Burton escavou caminhos sombrios nessa figura, nas telas, ao atribuir a Jack Nicholson a frase “Você já dançou com o Diabo à luz do luar”. Ela é ouvida no filme “Batman” (1989). Essa fala é prova de que o vilão lançado em 25 de abril de 1940 por Jerry Robinson, em triangulação com Bob Kane e Bill Finger, comporta digressões funestas em sua encanação nas HQs. A DC Comics, editora que publica as peripécias malévolas do personagem, sacou que o criminoso de sorriso largo caberia bem no selo Black Label, inaugurado em 2018, com “Damned”. A proposta dessa linha de banda desenhada é dar uma repaginada nos bandidos e nos mocinhos de maior popularidade da empresa, a fim de adaptá-los para um público adulto. “Inferno Verde”, com o Monstro

do Pântano, e o suspense “The Riddler: Year One”, escrita pelo ator Paul Dano, é parte dessa abordagem mais madura. A seção Vertigo, que a DC manteve nos anos 1990, já ia por esse caminho, mas ficou mais na área do terror e da discussão sociológica, com destaque para “Hellblazer”, com o mago Constantine.

A saga dos “Três Jokers”, encadernada em Portugal num luxuoso especial da editora Devir, conta com a mirada existencialista do escritor Geoff Johns (“Lanterna Verde”) e com a arte (hiper)realista do artista Jason Fabok. Os dois artistas exploram a origem do Coringa com base na bestialidade do pierrô do Mal numa trama que mobiliza Capuz Vermelho e Batgirl além do Homem-Morcego. O jogo das cores nessa investigação é dionisíaco, acentuando a linha gótica inerente ao cruzado de Gotham.

É uma perspectiva dramaturgicamente nova para a saga do assassino circense que ganhou a telona com um filme solo em 2019, o “Joker”, de Todd Phillips. A produção conquistou o Oscar de Melhor Ator (Joaquin Phoenix) e o de Melhor Trilha Sonora (dado à compositora Hildur Guðnadóttir), além do Leão de Ouro do Festival de Veneza de 2019, atribuído por um júri presidido por Lucrecia Martel. Orçado em US\$ 55 milhões, o longa-metragem – hoje na grade da já citada plataforma MAX – faturou US\$ 1 bilhão e 78 milhões pelo mundo adentro.

O histórico do Coringa foi analisado nas HQs ainda na saga “O Homem Que Parou De Rir”, assinada pelos artistas gráficos Matthew Rosenberg e Carmine Di Giandomenico e centrada numa onda de caos nos EUA, com foco em Gotham City. Ampliou-se ainda a procura pela série de mangás do bandidão, que valeu um Oscar também para Heath Ledger, pouco depois da morte desse ator, que serenou em 2008.

Dia 12 de junho

J A N T A R D I A D O S

NAMORADOS

UMA NOITE ROMÂNTICA E ESPECIAL PARA A
PESSOA QUE VOCÊ AMA!

aponte a câmera



Faça já a sua reserva:

 (21) 97937-2115


esuites
Transamerica
RECREIO SHOPPING


MADREGAIA
TEMPERO & DRINKS